

Leia o conto de Machado de Assis "O espelho".

O ESPELHO

ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA

QUATRO OU CINCO CAVALHEIROS DEBATIAM, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no Morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. (1) **Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador**, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse essa mesma resposta naquela noite, contestou-lhe um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

(2) **Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que esse casmurro usou da palavra**, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença, não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões que se deduziram do tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu a Jacobina alguma opinião — uma conjectura, ao menos.

— Nem conjectura, nem opinião — redarguiu ele. — Uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro.... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor etc. (3) **Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida**, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma

laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock¹, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados², perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro", diz ele a Tubal³, "é um punhal que me enterra no coração." Vejam bem essa frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. (4) **Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...**

— Não?

— Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César⁴ e de Cromwell⁵. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mutável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavallinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora — e na verdade, gentilíssima — que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a Rua do Ouvidor, Petrópolis...

— Perdão; essa senhora quem é?

— Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! Tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

— Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não

imaginam o acontecimento que isso foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam. (5) **Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita:** nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos.... Vai então uma das minhas tias, dona Marcolina, viúva do capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, (6) **num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda.** Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, (7) **escreveu a minha mãe, dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos.** E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. (8) **Jurava que em toda a província não havia outro** que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. (9) **Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho,** como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, era o "senhor Alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor Alferes", não por gracejos, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de dom João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho, mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

— Espelho grande?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; (10) **respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas,** e finalmente **que o "senhor Alferes" merecia muito mais.** (11) **O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação,** que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade.

¹ Personagem da peça O mercador de Veneza, de William Shakespeare (1564-1616). Shylock é um rico judeu, que faz empréstimos monetários.

² Ducado - nome comum dado a moedas de ouro de vários países

³ Outro personagem da peça de Shakespeare, também judeu e amigo de Shylock.

⁴ Júlio César (101-44 a.C.) — estadista e general romano.

⁵ Oliver Cromwell (159 -1658) - líder inglês de movimentos de rebelião, que derrotou as tropas reais e exerceu o poder como ditador com o título de lorde protetor da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda.

(12) **Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza,** e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

— Custa-me até entender — respondeu um dos ouvintes.

— Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos; os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! Adeus, Alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, a mim que tomasse conta do sítio.

(13) **Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo.** Mas (14) **o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa.** (15) **Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão,** alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente

levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia, estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. (16) **Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos.**

Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! Pérfidos! Mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

— Matá-lo?

— Antes assim fosse.

— Coisa pior?

— Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois.

Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. (17) **Parece-lhes que isso era melhor do que ter morrido?** Era pior. Não por medo; (18) **juro-lhes que não tinha medo**; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; (19) **finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro**, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; e à tarde comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o Sol abraçou a Terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, tique-taque, tique-taque, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow⁶ e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever! - For ever, never!* (20) **Confesso-lhes que tive um calafrio**: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: *Never, for ever! — For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. Tique-taque,

⁶ Henry Longfellow (1807-1882) — o poeta norte-americano mais popular do século XIX. "O salmo da vida", "A luz das estrelas" e "Minha juventude perdida" são alguns de seus poemas mais conhecidos e ainda hoje apreciados.

tique-taque. Ninguém nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma.... Riem se?

— (21) **Sim, parece que tinha um pouco de medo.**

— Oh! Fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação e que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. (22) **Acho que posso explicar assim esse fenômeno**: o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único — porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar.... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir?*⁷ Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tique-taque, tique-taque. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros e janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como a tia Marcolina, deixava-se estar. *Soeur Anne, soeur Anne...* Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

— Mas não comia?

— Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, líras de Gonzaga⁸, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outras dava beliscões nas pernas, mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e

mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula. Tique-taque, tique-taque...

— Na verdade, era de enlouquecer.

— Vão ouvir coisa pior. (23) **Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho.** Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. (24) **A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-lhe textualmente,** corri os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. "Vou-me embora", disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado.... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos.... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me.... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha ideia...

— Diga.

— Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... não, não são capazes de adivinhar.

— Mas, diga, diga.

— Lembrou-me de vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e.... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o Alferes, que achava, enfim, a alma exterior.

⁷ Irmã Ana, irmã Ana, vês alguma coisa chegar?

⁸ Tomás Antonio Gonzaga (1744-1809) – poeta brasileiro, autor de um livro de lirias intitulado Marília de Dirceu. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, (25) **sabe que este é fulano**, aquele é sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. (26) **Tudo volta ao que era antes do sono.** Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com esse regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

Assis, Machado de. O espelho. Em: Contos Escolhidos. São Paulo: Martin Claret, 2012.

Após a leitura do texto, responda às questões abaixo.

1) No conto, o espelho representa mais do que um objeto comum. **O que** leva Jacobina a modificar sua relação com o espelho, **e como** essa mudança reflete as pressões sociais e a imagem que ele projeta de si mesmo?

2) A ideia de que o "eu" pode ser moldado por fatores externos, como o olhar dos outros, é central para o conto. **Qual** a função do espelho na construção da identidade de Jacobina? **Como você acredita** que essa ideia dialoga com questões sociais sobre identidade e aparência?

3) Jacobina enfrenta um **conflito** entre a sua percepção interior e a imagem externa projetada pelo espelho. **Como você interpreta** esse conflito em um contexto social mais amplo, onde a aparência e o status são altamente valorizados?

4) A mudança psicológica de Jacobina ocorre em parte pelo isolamento e pela influência do espelho sobre sua autoestima. **De que maneira** essa transformação pode ser entendida como **uma crítica de Machado de Assis** às pressões sociais e ao modo como a sociedade valoriza as aparências e as hierarquias?

Agora, observe os trechos destacados no texto. Escolha, entre os números 2 e 26, apenas seis trechos para

analisar. Em seguida, identifique as orações principais e as orações subordinadas substantivas. Depois, classifique-as e diga que função sintática exercem em relação à oração principal. Por fim, explique a relação estabelecida entre a oração subordinada e o trecho na qual está inserida. Veja o exemplo:

1) *Exemplo de resposta:*

No trecho (1) "...dizendo **que a discussão é a forma polida do instinto batalhador...**", tem-se a oração principal (OP) "dizendo" e a oração subordinada substantiva objetiva direta "que a discussão é a forma polida do instinto batalhador" com função sintática de objeto direto da OP, pois complementa o verbo transitivo direto (VTD) "dizer". Esta oração subordinada está sendo utilizada pelo narrador no texto para justificar o que Jacobina entendia por discussão, pelo fato de ser uma pessoa que não discutia nunca. Além disso, ajuda o leitor a compreender inicialmente como era Jacobina, calado, quieto.